

---

# Paisagem, memória e identidade: tumulações megalíticas no pós-megalitismo alto-alentejano<sup>1</sup>

RUI MATALOTO\*

*“Depois de muitos anos de desterro, regressam novamente ao torrão natal  
os heróis deste atribulado livro. [...] Poucos resistem à sua atracção  
ao verem-se longe dela, seja qual for a órbita em que se movam”*

Miguel Torga, *Contos da Montanha*,  
Do Prefácio à 4.ª edição

## R E S U M O

Pretende-se efectuar uma leitura da utilização dos monumentos megalíticos alentejanos em momentos posteriores às comunidades que os edificaram, desde o ponto de vista da arqueologia da paisagem. Intenta-se aqui avançar com uma análise diacrónica das utilizações dos antigos espaços megalíticos, sem perder de vista o contexto social e cénico em que se inserem.

## A B S T R A C T

This article intends to chronicle the use of megalitic monuments in the Alentejo at posterior moments to the communities that constructed them from an archaeological landscapes point of view. A diachronic analysis of the uses of these ancient megalitic spaces will be presented without losing sight of the social contexts and landscapes in which they were inserted.

## 1. Conceitos, leituras e semântica da paisagem<sup>2</sup>

A paisagem, enquanto resultado da interacção homem-natureza, surge-nos hoje como um verdadeiro repositório de existências e vivências que se desenrolaram ao longo de milhares de anos. É esta paisagem construída, trabalhada, conceptualizada, que ainda hoje nos acompanha pejada de simbolismos, códigos e significações, que procuramos decifrar com a actividade arqueológica, numa ânsia de criação/preservação da memória colectiva.

A paisagem é aqui entendida como o resultado da interacção estreita e unificadora entre a componente natural e o elemento humano, numa dimensão material e imaterial, essencialmente perceptiva e conceptual, numa dinâmica constante de interacção e vivência (Ingold, 1993; Valera, 2000, ambos com diversa bibliografia associada).

A paisagem é, no fundo, a percepção cognitiva da envolvente exterior pelo elemento humano, constituindo a memória a tomada de consciência da acção cognoscente. Assim, na realidade, paisa-

gem e memória resultam num binómio inseparável, de total complementaridade, cuja construção corre em paralelo. Por outro lado, julgo ser da construção e partilha de uma paisagem, e logo de uma memória, pelo grupo ou pelo indivíduo, que surge a noção de identidade, enquanto sentimento de inclusão/pertença; isto é, a identidade é a partilha de uma memória colectiva.

Deste modo, a construção da paisagem faz-se não apenas pela adição ou transformação de um conjunto de realidades fisiográficas e arquitectónicas, mas igualmente, e principalmente, pela inclusão, muitas vezes ritualizada, de novas conceptualizações, que geram uma nova semântica da paisagem. Assim, a sua profunda transformação poderá ser gerada sem uma alteração radical do contexto físico e material das pré-existências, “apenas” com a sua reconceptualização.

Será entre este binómio, paisagem e identidade, que acabará por se desenrolar o conjunto de reflexões que se pretende desenvolver em seguida, através de um “fio condutor” particularmente marcante nos horizontes alentejanos, o Megalitismo, aqui entendido em largo espectro, e logo funerário e não-funerário. Por outro lado, o Megalitismo pode também ser entendido como o conjunto das práticas funerárias próprias do IV/III milénio a.C. (Gonçalves, 1992), afastando-se de um entendimento exclusivamente arquitectónico, justificando então o subtítulo utilizado.

Todavia, se este é o “fio condutor”, importa aqui tratar a sua existência e utilização num espaço de tempo posterior ao período clássico da sua construção. Assim, e mesmo que se possa ter continuado a erigir monumentos de porte ou aparência megalítica após estes períodos (Bueno, 2000; García Sanjuán, 2005), tal aconteceu de forma certamente marginal no território alentejano.



Fig. 1 Paisagem alentejana na envolvente da Anta 1 das Martes.

A ocupação do espaço tumular megalítico em momentos posteriores às comunidades que o erigiram não é, todavia, apanágio apenas das comunidades pós-calcolíticas, tendo claramente as suas raízes em comportamentos ancestrais, contemporâneos da construção das tumulações megalíticas; o melhor exemplo desta situação em território alentejano é, sem dúvida, o fenómeno de necropolização assumido pela Anta 2 do Olival da Pega (Gonçalves, 1999), com outros paralelos próximos nos monumentos da Farisoa e Comenda (Leisner e Leisner, 1951), numa tradição secular igualmente a nível europeu (Bradley, 1998).

Assim, o conceito de reutilização necessita uma reflexão mais concreta, pois é certamente complexo discernir os tempos de um grande monumento. A presença de espólios “calcolíticos” em locais de enterramento dos finais do IV milénio a.C. será uma reutilização ou uma ocupação de longo espectro, quando sabemos que pode existir um espaço de tempo menor entre uma tumulação “calcolítica” e uma “reutilização” campaniforme?

O tempo do rito é também um tempo distinto, que se move numa esfera e numa dimensão distinta do tempo social e do tempo abstracto, assumindo em si a mudança e a permanência (Bradley, 1998, p. 85). O tempo dos monumentos é longo na paisagem, mas por vezes breve no rito.

A utilização dos espaços megalíticos alentejanos ao longo da Proto-História tem sido vista como um epifenómeno essencialmente marginal e excêntrico.

Todavia, e como seria de esperar, o fenómeno campaniforme, por ter maior proximidade com os investigadores da Pré-História, acabou por conhecer, neste âmbito, um desenvolvimento diferenciado, integrando lógicas relacionadas com a justificação e reforço dos poderes individuais e a ascensão de linhagens (Soares, 2003).

A visibilidade de todo o processo de utilizações acabou marcada irremediavelmente por uma tradição de investigação caracterizada pela abordagem parcelar dos monumentos (Leisner e Leisner, 1959) e pela investigação virada principalmente para as realidades pré-históricas. Por outro lado, a escassez, ou mesmo ausência, de estudos sistemáticos relacionados com a ocupação proto-histórica do espaço alentejano veio contribuir para uma invisibilidade geral das utilizações dos espaços megalíticos, de que apenas agora se começa a sair. Este facto segue, aliás, toda uma tendência reconhecida no Sul peninsular em geral (Mataloto, 2005; García Sanjuán, 2005; Lorrio e Montero, 2004).

Os monumentos megalíticos, pela sua arquitectura e inserção topográfica, mas não só, assumiram-se, desde há muito, como elementos significantes da paisagem, carregados de um valor que os integra, em determinados momentos e locais, numa semântica paisagística, como elementos estruturantes das leituras espaciais e mentais do território.

Esta carga simbólica, inerente aos elementos caracterizadores de uma entidade paisagística, impregna-os de uma visibilidade mental que se pode, ou não, associar a uma visibilidade física e real; este facto acaba por lhe imputar uma função de marcadores e organizadores diacrónicos da paisagem, numa geodesia ancestral.

Neste sentido, a sua presença acabará por ser integrada na transformação do meio natural em *campo*, como espaço de vivência e acção humana através da conceptualização e estruturação simbólica daquele, efectuada pelas sociedades camponesas, que marcaram profundamente a Proto-História alto-alentejana.

Muitos dos resquícios de antigas leituras de paisagem, que passaram diacronicamente através de gerações de camponeses, encontram-se hoje num inexorável papel de esquecimento, com o desaparecimento de uma vivência do campo, antes caracterizada pelo apego à terra e às suas marcas e definições, na sequência do atavismo típico das sociedades camponesas.

A mobilidade e o desapego à terra, que caracterizam a agricultura actual, associada a uma cada vez maior mecanização, onde a força telúrica se não transmite ao lavrador pelo cabo do arado,

ou onde as “estremas” se conhecem pelas vedações e não pelas marcas na paisagem, conduzem a uma nova semântica paisagística, geradora de novas identidades, onde os antigos “*topos*” são anulados, num acto talvez sem precedentes ...

## 2. Do Bronze ao Ferro: breve percurso através do megalitismo alto-alentejano

Ainda que se queira centrar o discurso entre o segundo e primeiro milénio a.C., será o fim do III milénio a.C. que marcará uma tendência de continuidade de utilização dos espaços megalíticos por populações que os deixaram de construir, no Sul do actual território português.

Não são conhecidas muitas destas ocupações no espaço alentejano, ainda que sejam a regra na península de Lisboa; todavia, esta situação poderá estar dissimulada pela presença diferenciada da tradição decorativa campaniforme, muito abundante nesta última região. Os resultados obtidos recentemente na Anta 3 de Santa Margarida (Gonçalves, 2003) tornam absolutamente evidente a dificuldade de quantificar este fenómeno de novas utilizações, quando estas se não fazem acompanhar de qualquer espólio, sendo enquadradas unicamente por métodos radiométricos, apenas aplicáveis quando existem vestígios ósseos, tão escassos na generalidade das tumulações megalíticas alentejanas.

Assim, se atendermos aos dados disponíveis (Mataloto, 2006) são apenas conhecidas três utilizações campaniformes de monumentos megalíticos, todas elas enquadráveis em realidades tardias, dentro do complexo “Ciempozuelos”; em dois casos, Anta das Casas do Canal (Fig. 2) e Estremoz 7, verifica-se a presença de uma taça carenada, vulgarmente designada de caçoila, associada a um vaso campaniforme liso, constituindo uma verdadeira associação clássica das deposições campaniformes da área da Meseta (Garrido Pena, 1997). Para além destes são conhecidos vários outros casos no espaço alto alentejano onde se depositaram recipientes de morfologia campaniforme, aos quais não se após a tradicional decoração, são eles a Anta do Cabeço da Anta (Crato) (Bubner, 1979), Anta dos Cabacinhitos (Évora) (Mataloto, 2006, p. 98) e a Anta de Vale Carneiro (Leisner e Leisner, 1951). A sua distribuição geográfica evidencia o alargamento deste fenómeno a todo o espaço alto alentejano, afastando a hipótese de constituírem realidades isoladas. Em texto recente, foi dado a conhecer mais um destes casos, igualmente em espaço alentejano, mas agora da margem esquerda do Guadiana, na área de Vila Verde de Ficalho (Soares, no prelo). Aqui houve a oportunidade de interencionar o monumento do Monte da Velha 1, no qual se detectou uma deposição funerária secundária, acompanhada por vários recipientes, um dos quais campaniforme liso; a presença de ossos humanos conservados, arrumados no que parece ser uma deposição secundária, entregou uma datação que os coloca no 3.º/inícios do 2.º quartel do III milénio a.C., claramente contemporâneos de algumas realidades puramente campaniformes, como se pode constatar relativamente às datações obtidas recentemente para o Fosso 2 de Porto Torrão (Valera e Filipe, 2004, p. 201). Este facto acaba por traduzir-se, desde logo, num enorme complexificar das presenças campaniformes, com a descontinuidade geográfica das tendências decorativas e funerárias, acabando por realçar que a realidade campaniforme é diversa e em muito sujeita a fenómenos de aceitação diferenciados, eventualmente de origem grupal. Por outro lado, não é com facilidade que se podem valorizar as datas de Porto Torrão, na medida em que nos surgem em contextos de redeposição no interior do fosso, ainda que a sequência interna seja coerente em si.

Se atendermos à identificação de outros itens integráveis dentro das realidades campaniformes, nomeadamente ao nível dos artefactos metálicos, como as pontas tipo “Palmela”, as presenças em contextos megalíticos multiplicar-se-ão (Mataloto, 2006), vincando o amplo espectro das

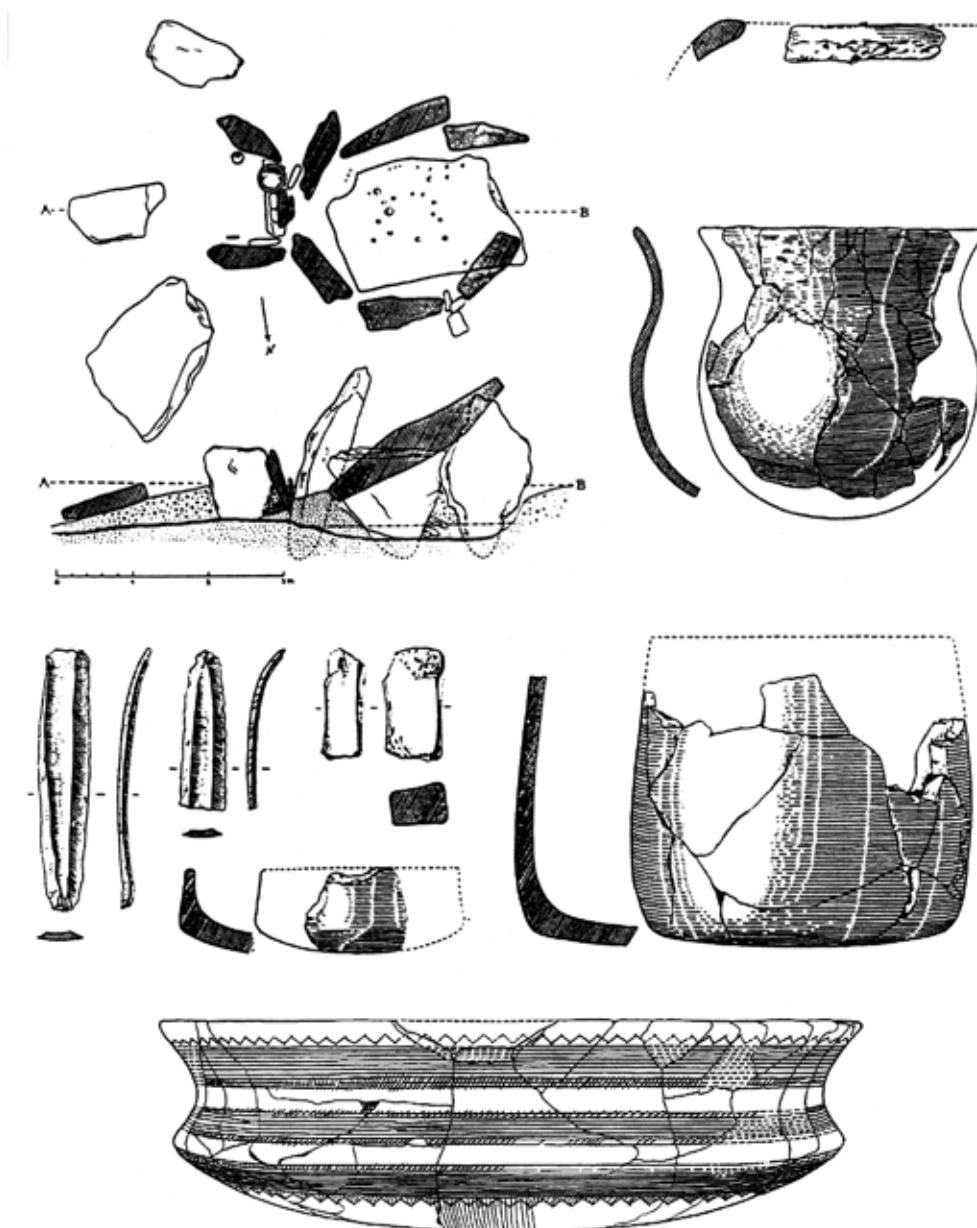


Fig. 2 Anta das Casas do Canal (Estremoz) e espólio associado (seg. Leisner e Leisner, 1959).

utilizações “pós-megalíticas” que, como nos deixa entrever o já citado caso da Anta de Santa Margarida 3, deveria ser muito mais amplo que o expectável até muito recentemente. O registo de, pelo menos, seis pontas de seta em cobre, entre outros artefactos, efectuado por Manuel Heleno (Rocha, 2005, p. 181), deixa claro que o panorama das utilizações pós-megalíticas se irá alargar à medida que as intervenções se forem multiplicando.

Por outro lado, este facto coloca-nos a questão de saber que componente da população se fazia sepultar nos antigos monumentos megalíticos. As explicações mais usuais apontam para franjas destacadas da população, elites que procuram justificar novas ou velhas linhagens através da emulação dos antigos hábitos de tumulação, associando-se a uma paisagem ancestral, em

pontos tópicos da memória colectiva, de modo a sustentarem e justificarem a sua posição de destaque (Soares, 2003). Todavia, mais uma vez, se atendermos aos dados da Anta 3 de Santa Margarida, onde nada de destaque se registou, é difícil sustentar este tipo de enquadramento para as utilizações campaniformes alentejanas, na justa medida em que, se os gentios, como a “cesteira” de STAM-3 (Gonçalves, 2003), tivessem acesso a verdadeiros marcadores de paisagem, lugares de memória colectiva, estes dificilmente poderiam ser entendidos como elementos integradores e legitimadores de linhagens e poderes no seio da comunidade. Talvez estejamos, na realidade, perante um processo de forte atavismo comunitário onde não seria alheia uma semântica da paisagem de estreito enraizamento local, mantendo os ancestrais elementos tópicos estruturantes do espaço da comunidade. Na realidade, a desagregação dos grandes grupos humanos que se coordenavam territorialmente na primeira metade do III milénio a.C. acabaria por fortalecer a identidade local das pequenas comunidades, organizando o território em que se movimentam através do reforço do carácter tópico das antigas construções megalíticas, que certamente ainda não teriam perdido o seu significado como espaços de tumulação ancestrais.

O final do III milénio parece ser, então, marcado por um processo de fragmentação das comunidades, que acabaria por derivar no estreitamento da interacção das mesmas com a natureza, num movimento de marcação e enraizamento perante uma nova ordem territorial; isto é, a fragmentação dos grupos resultaria na fragmentação da paisagem, que carecerá agora de um reordenamento semântico que coadune um novo conceito de identidade grupal aos elementos tópicos da estruturação paisagística. Deste modo, a codificação de construções ancestrais como espaços de Memória, enquanto marcas de apropriação e vivência do território, quer sejam funerários quer sejam de outra índole, veicularão uma determinada comunidade a um espaço produzido e trabalhado pelos antepassados.

Será este processo social que irá marcar grande parte do milénio seguinte, o qual, creio, será acompanhado pela construção de uma paisagem de grupo onde as antigas ocupações funerárias e de povoamento serão integradas como marcas identitárias e eventualmente delimitadoras dos espaços do grupo.

Os dados referentes a ocupações, digamos “integradoras”, realizadas em antigos espaços habitacionais, com evidentes marcas na paisagem, nos últimos momentos do III e grande parte do II milénio a.C., são escassos no Alentejo Central, tal como o são as intervenções em povoados do III milénio a.C.; todavia, têm vindo a multiplicar-se, sendo, desde já, conhecidos na área centro-alentejana os casos do povoado do Mercador (Valera, 2005), da fortificação do Monte Novo dos Albardeiros (Gonçalves, 1988-1989) ou do povoado do Moinho de Valadares (Valera, 2005) onde, sobre as ruínas calcolíticas, se detectou a presença de actividades de cariz funerário ao longo da primeira metade do II milénio a.C. Por outro lado, ainda recentemente foi dado a conhecer um caso absolutamente semelhante na vizinha Extremadura, no povoado calcolítico de Los Castillejos de Fuente de Cantos (Cerrillo, 2005) e outros no povoado de San Marcos (Almendralejo) (Cerrillo, comunicação pessoal).

A utilização, funerária ou não, dos antigos espaços megalíticos do II milénio a.C. no Alentejo Central é, aparentemente, mais complexa de avaliar atendendo ao volume de dados dispersos, e largamente por valorizar, resultantes em grande medida de trabalhos antigos (Mataloto, 2005), compilados principalmente no *corpus* do casal Leisner (Leisner e Leisner, 1951). A publicação ainda recente de outro extenso trabalho sobre o Megalitismo alto-alentejano (Oliveira, 1995, 1998), disponibiliza um conjunto de dados que nos permite aproximar às utilizações do II milénio a.C., sem as limitações já equacionadas sobre uma análise baseada nos resultados das intervenções do casal Leisner (Kalb, 1994).



Por outro lado, já H. Schubart se havia debruçado sobre a questão, e efectuado uma revisão dos dados disponíveis nos inícios da década de 70, apresentando, com base principalmente nos trabalhos do casal alemão, uma listagem dos monumentos alto alentejanos que haviam proporcionado materiais referentes a uma utilização durante a Idade do Bronze (Schubart, 1971, p. 186). Não é, então, de modo despidendo que afirma “También se encuentran frecuentemente en tumbas megalíticas del Alto Alentejo vasos com carena en tipos que son muy semejantes a los cuencos Atalaia” (Schubart, 1971, p. 186).

Todavia, e como já afirmámos anteriormente (Mataloto, 2005, p. 122), as tumulações em cista, associáveis principalmente ao Bronze Médio do sudoeste peninsular, têm uma dispersão essencialmente na área Sul do território alto alentejano, caso da grande necrópole de cistas do Peral (Portel) (Schubart, 1975), rareando ou mesmo desaparecendo na progressão para Norte. Neste sentido, os enterramentos em antigos espaços sepulcrais deverão ter assumido um papel preponderante nas tumulações do Bronze Médio do território alto-alentejano. Este facto poderá associar-se a um profundo enraizamento local destas comunidades da Idade do Bronze, podendo as necrópoles de cistas representar, no território alto-alentejano, eventualmente, a movimentação para Norte de grupo oriundos de áreas mais meridionais, portadores de uma outra tradição funerária. O seu aparecimento principalmente em áreas marginais do território “megalítico” pode igualmente associar-se às fronteiras fluidas que certamente existiriam entre as duas regiões e tradições funerárias. Por outro lado, julgo relevante não deixar de assinalar a sua existência nas áreas centrais do megalitismo alentejano, com a necrópole dos Cebolinhos de Reguengos de Monsaraz (Gonçalves e Calado, 1990-1991), ou das cistas do Barrocal, na região de Évora (Arnaud, 1979), revelando-nos um entramado<sup>3</sup> algo complexo que só um estudo bastante mais apurado poderá discernir.

O desenvolvimento e a integração, ao longo do II milénio a.C., de toda uma nova realidade funerária no território baixo-alentejano, baseada na tumulação em cista, poderão relacionar-se com a efectiva ausência de uma longa tradição megalítica nestas regiões, ao invés do que acontece no território alto-alentejano.

A utilização, senão sistemática, pelo menos frequente, de monumentos funerários megalíticos alentejanos durante o II milénio a.C. é também a imagem que transparece do conjunto das intervenções que se têm vindo a desenvolver no Nordeste alentejano (Oliveira, 1995, 1998, 1999-2000). Este facto permite, desde logo, uma revisão bastante mais sólida, mas igualmente prudente, dos dados avançados pelos investigadores alemães, na verificação da ocorrência de utilizações pós-megalíticas.

Um conjunto de trabalhos recentes, que incidiram sobre monumentos megalí-

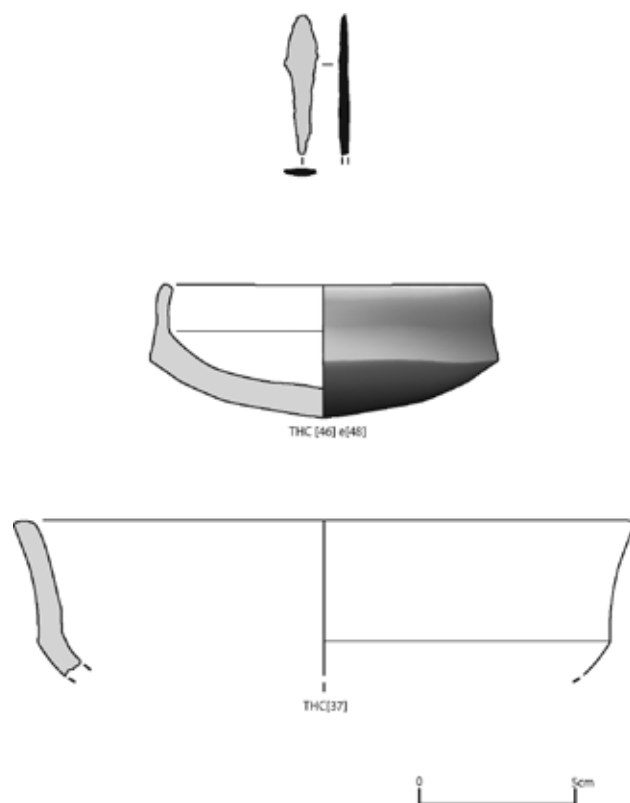


Fig. 3 Conjunto artefactual da Idade do Bronze do monumento do Caladinho (Redondo) (seg. Mataloto e Rocha, no prelo).

ticos alentejanos, parece acompanhar com clareza a tendência aqui assinalada, caso de OP2 em Reguengos de Monsaraz (Gonçalves, 1999), Anta do Chão da Pereira em Portel (Antunes et al., 2003) ou mesmo o monumento do Caladinho no Redondo, em intervenção neste momento (Mataloto e Rocha, no prelo) (Fig. 3).

Uma breve aproximação aos resultados obtidos para o Nordeste alentejano deixa-nos um quadro diversificado, multilinear e complexo, das utilizações pós-megalíticas dos antigos espaços da morte perspectivando-se, desde logo, uma organização múltipla, eventualmente evolutiva e diacrónica da paisagem que enquadra a acção humana, fugindo às generalizações e aos *topos*.

Não são apenas os mais evidentes monumentos que conhecem a sua integração nas novas paisagens, também as mais discretas construções são absorvidas na nova construção mental do espaço; assim, não é apenas o visual que emerge, sendo igualmente realçadas as pequenas câmaras de memória, agora reevidenciadas pela imanência simbólica das deposições funerárias (Mataloto, 2005).

A utilização dos monumentos funerários megalíticos norte alentejanos durante a Idade do Bronze parece-me estar bem patente nos conjuntos artefactuais de monumentos como: Anta da Bola da Cera, Anta da Cabeçada, Anta das Castelhanas, Figueira Branca, Anta dos Pombais, Anta I e II de Alkogulo, Anta II e IV dos Coureiros, Anta do Galhardo, Anta de Olheiros, Anta do Pai Anes, Porto Aivado, Anta da Tapada de Matos, Tapadão da Relva, Anta do Vale da Estrada (Oliveira, 1995, vol. 3); igualmente na Anta II de São Gens foi registada a clara presença de uma ocupação aparentemente funerária num dado momento da Idade do Bronze (Oliveira, 1999-2000) (Fig. 4).

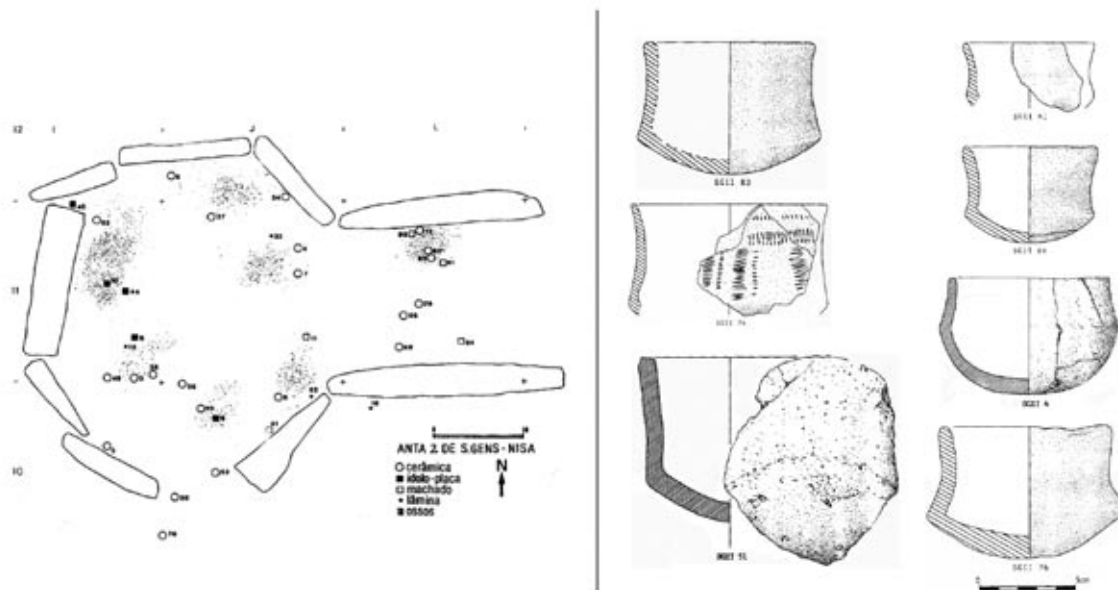


Fig. 4 Anta II de São Gens e parte do espólio correspondente à ocupação da Idade do Bronze (Oliveira, 1999-2000).

Um breve repasso pelas monografias do casal Leisner transmite-nos, para o Alentejo Central, uma imagem muito semelhante à disponibilizada pelos trabalhos de J. Oliveira para o Norte alentejano: uma frequência elevada de ocupações, aparentemente funerárias, da Idade do Bronze em contextos megalíticos, de que poderíamos mencionar os casos da anta 1 dos Gorginos e dos Cebo-linhos ou o da Anta das Vidigueiras (Leisner e Leisner, 1951, 1959). O caso da Anta 2 dos Gorginos é igualmente de relevo, tendo em conta que nela se recolheu uma ponta aparentemente em cobre, de características bastante evoluídas, integrável nas designadas pontas tipo “Pragança”, enquadradas num momento avançado do II milénio a.C. (Kaiser, 2003) (Fig. 5).





Fig. 5 Anta 2 dos Gorginos e espólio associado (seg. Leisner e Leisner, 1959).

As utilizações dos antigos espaços tumulares ao longo da Idade do Bronze parecem resultar principalmente de deposições funerárias acompanhadas por espólio votivo, onde pontuam recipientes cerâmicos afins dos recolhidos nas necrópoles do II milénio a.C. do Sudoeste peninsular; neste particular, seria de realçar a existência de formas carenadas claramente devedoras das conhecidas taças tipo “Atalaia” e mesmo das do tipo “Odivelas”; além destas, surgem mesmo as menos características, mas também reveladoras, taças “de borde entrante”, bem reconhecidas nas necrópoles extremeñas (Pavón Soldevila, 1998).

A utilização dos espaços megalíticos ancestrais acabaria por corresponder a um fenómeno de construção de paisagens (Parreira, 1998) como o detectado nos monumentos funerários baixo-alentejanos, aos associar, por vezes, a pontos artificialmente sobrelevados espaços de culto e memória dos antepassados. Assim, não existiria apenas um mimetismo dos recipientes votivos, mas também de toda uma ritualização da paisagem, conseguida através da associação das deposições funerárias ou votivas a realidades concretas de cariz tumular.

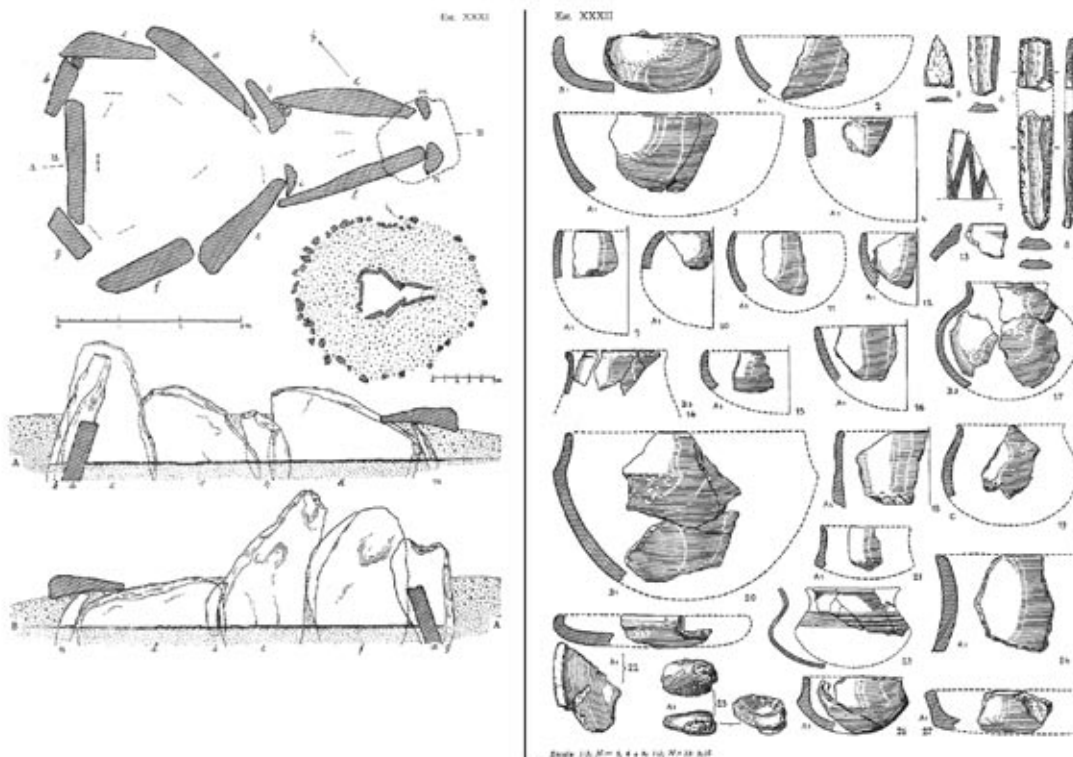


Fig. 6 Anta 1 dos Gorginos e parte do espólio, onde são claramente identificáveis cerâmicas da Idade do Bronze e eventualmente mais tardias.

Começa a poder-se afirmar que teria sido principalmente dentro da primeira metade/meados do II milénio a.C. que estas comunidades da Idade do Bronze, com fortes ligações à realidade do “Bronze do Sudoeste”, teriam ocupado de modo relativamente frequente, ou mesmo sistemático, antigos monumentos megalíticos do Alto Alentejo; no entanto, tal não seria impeditivo de que, em casos aparentemente menos numerosos, tal continuasse a suceder em momentos mais tardios.

As escassas datas radiocarbónicas disponíveis parecem, efectivamente, apontar nesse sentido, caso da disponível para a Anta das Castelhanas (OXA-5432  $3220 \pm 65$  -1630-1320 cal BC a  $2\sigma$ ), efectuada sobre ossos humanos; uma outra datação, da segunda metade do II milénio a.C., obtida igualmente sobre ossos humanos, recolhidos na intervenção de Manuel Heleno na quarta anta do Zambujeiro (Montemor-o-Novo), e publicada recentemente (Rocha, 2005, p. 68), parece apontar no mesmo sentido (Beta 196093-3040 $\pm$ 40 1380-1260/1400-1190 cal BC a  $2\sigma$ ).

Na realidade, os contextos funerários pós-megalíticos datados do II milénio a.C. são ainda bastante escassos; todavia, o aumento do número de datações sobre ossos humanos recolhidos em contextos funerários megalíticos traduzir-se-á, certamente, na ampliação do conjunto respeitante à Idade do Bronze, tal como os recentes trabalhos desenvolvidos em Reguengos de Monsaraz (STAM 3 e Cebolinhos) (Gonçalves, 2003a, 2003b) permitiram ampliar, e muito, as datações referentes a momentos avançados do III milénio a.C., contemporâneos das realidades campaniformes.

Todavia, são igualmente conhecidas ao longo da Idade do Bronze utilizações de cariz distinto em antigos monumentos funerários e não funerários, podendo estar associadas a outro tipo de ritual, usualmente mais discreto artefactualmente, mas de igual relevância sócio-simbólica, eventualmente de cariz cerimonial e comunitário, bem documentado em diversas paragens europeias (Bradley, 1998), mas também, aparentemente, no monumento 7 de Alcalar (Morán e Parreira, 2004, p. 112, 119).



Fig. 7 Menires de São Sebastião e o espólio da Idade do Bronze associado (seg. Calado, 2004).

No mesmo sentido poderá ser interpretada a ocupação do Bronze Médio detectada junto dos menires de São Sebastião (Évora) (Calado, 2004) (Fig. 7). Um conjunto alargado de pequenos vasos e taças carenadas foi documentado na envolvente imediata dos dois menires, ainda que se desconheça o seu contexto exacto de deposição, pelas profundas afectações provocadas pela ocupação romana, igualmente detectada. Esta ocupação da Idade do Bronze parece, então, resultar de uma utilização ritual/cerimonial do monumento menírico, eventualmente ainda erecto, englobando-o numa mesma estratégia de integração e conceptualização dos antigos espaços megalíticos, independentemente do seu cariz.

O mesmo processo poderá ter decorrido no cromeleque da Portela de Mogos (Évora), onde foi igualmente detectada uma ocupação da Idade do Bronze (Gomes, 1997).

A constante utilização e incorporação simbólica de antigos monumentos megalíticos mas, igualmente, de antigos espaços habitacionais em novas dinâmicas conceptuais e semânticas da Paisagem acabaria por gerar uma familiaridade com as realidades antigas que poderia conduzir à inclusão no conjunto artefactual de linguagens morfológicas e decorativas há muito perdidas, originando actos de profunda identificação com as comunidades precedentes. Ainda que reconheça o enorme teor especulativo desta observação, julgo conveniente assinalar a extraordinária semelhança entre algumas peças compósitas bastante distantes no tempo, como os copos carenados com decoração mamilar detectados em Juromenha 1 (Alandroal), datado do final do IV milénio a.C. (Calado, Mataloto e Rocha, em preparação), no monumento do Caladinho (Redondo) (Mataloto e Rocha, no prelo) e na Necrópole da Idade do Bronze da Quitéria (Silva e Soares, 1981, p. 165) (Fig. 8). Por outro lado, é clara e bem documentada a recuperação que se faz durante o início da Idade do Bronze de morfótipos claramente devedores das antigas formas carenadas do final do IV milénio a.C., ao que se deve associar uma recuperação sensível da presença das formas fechadas e das adjunções (mamilos), quer decorativos, quer funcionais (Mataloto, 2005).

Se as utilizações de antigos monumentos megalíticos, ao longo de grande parte do II milénio a.C., são relativamente frequentes, já as presenças integráveis num momento final do milénio parecem ser sobejamente distintas, ao surgirem bastante difusas e serem provavelmente mais discretas, acompanhando um processo semelhante registado em todo o Sul peninsular (García Sanjuan, 2005). Todavia, este facto não tem porque derivar obrigatoriamente de um abandono do valor simbólico e paisagístico destes monumentos, não sendo improvável a alteração dos rituais funerários, que se traduziriam numa crescente invisibilidade das deposições, num movimento aceite para a generalidade das realidades funerárias do Final da Idade do Bronze (Torres Ortiz, 1999).

Não deverá ser também alheio a este facto o processo de encastelamento que se terá desenvolvido nos finais deste milénio no espaço alentejano (Mataloto, 2004). São agora formados grandes aglomerados humanos instalados nos topos das principais elevações, dotados de importantes estruturas fortificadas, o que conduzirá a um reordenamento total dos principais vectores paisagísticos, numa nova simbólica identitária e de poder, afastada das planícies e refugiada nas penedias das serras, numa atitude de frontal imposição das muralhas perimetrais.

Agora, os elementos estruturantes da semântica paisagística seriam antes os espaços habitacionais, evidenciando uma forte hierarquização dos contextos cénicos, denunciada pela proeminência das elevações fortemente acasteladas, numa composição de elevado valor identitário-coercivo, perante complexos dispositivos arquitectónicos como os detectados no Castro dos Ratinhos (Silva e Berrocal, 2005), onde, creio, a preocupação de base suplantaria largamente as preocupações de cariz meramente defensivo.

Todavia, e ainda que não possamos asseverar, em todos os casos, a sua utilização funerária, não deixam de ser conhecidas no Sul do território actualmente português utilizações de antigos

monumentos megalíticos durante o final da Idade do Bronze. O monumento do Barranco da Nora Velha, em Ourique (Viana, 1959), entregou inequívocos elementos caracterizadores de uma presença, eventualmente, funerária do final da Idade do Bronze. Idêntica situação parece ter-se verificado no monumento do Cerro do Malhanito, em Alcoutim (Cardoso, 2004), onde, ao invés do sucedido no monumento anterior, aqui se verificou o total esvaziamento do interior da câmara. Neste mesmo trabalho reequaciona-se, na sequência de observações anteriores, aquele que é, sem dúvida, um dos monumentos mais carismáticos do final da Idade do Bronze na fachada atlântica

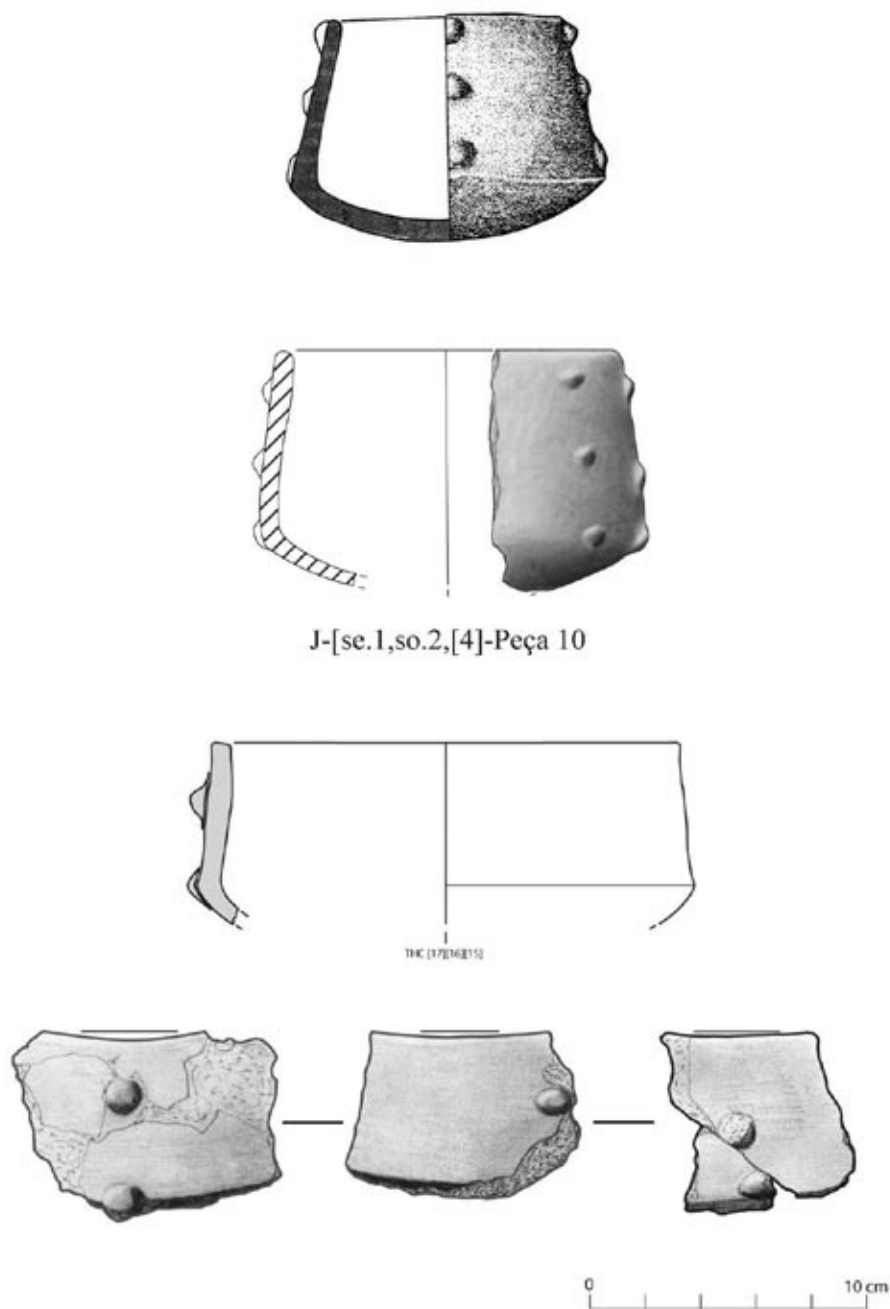


Fig. 8 Recipientes recolhidos na necrópole da Quitéria (Silva e Soares, 1981), em Juromenha (Calado, Mataloto e Rocha, em preparação) e no Monumento do Caladinho (Mataloto e Rocha, no prelo).

peninsular, a Roça do Casal do Meio. Atendendo aos resultados de Cerro do Malhanito, levantou-se a possibilidade de ocorrer uma situação semelhante a este, isto é, um monumento originariamente pré-histórico, que teria sofrido um processo de eliminação completa das deposições anteriores, para receber as novas tumulações (Cardoso, 2004, p. 204). Esta perspectiva não é, todavia, pacífica (Vilaça e Cunha, 2005), sendo de destacar, no quadro do presente trabalho que, independentemente de ser ou não um reaproveitamento de uma estrutura anterior, é clara a emulação de todo um contexto megalítico para a deposição funerária nos finais do II milénio a.C.

No espaço alto alentejano as notícias sobre as utilizações do final da Idade do Bronze em contextos megalíticos estão particularmente pouco documentadas, muitas vezes por que difíceis de discernir de outras ocupações da Idade do Bronze; de intervenções recentes são conhecidas pequenas notícias sobre a sua presença em diversos monumentos de Vale Rodrigo (Évora) (Kalb, 1994).

Entrado o milénio seguinte a realidade não se altera sobejamente, processando-se a gradual desapareção das presenças em monumentos megalíticos. No entanto, o total desconhecimento sobre os rituais funerários atribuíveis a grande parte da primeira metade do I milénio a.C. impõe fortes reservas a qualquer considerando sobre a sua escassez em contextos megalíticos. Vários indicadores impõem esta cautela, nomeadamente a escassez de informação disponível, já que nas grandes sínteses, como as produzidas pelo casal Leisner, os dados reconhecidamente respeitantes a momentos mais recentes foram omitidos, mesmo que se tenham registado. Por outro lado, a ausência de espólio funerário no enterramento pode inviabilizar a sua identificação, como se verificou para outras épocas (caso das já referidas deposições funerárias dos finais do III milénio a.C. da Anta 3 de Santa Margarida) (Gonçalves, 2003) e para outras áreas geográficas, caso do dólmen de La Pantoja III, na área de Sevilha, com incinerações funerárias, sem espólio votivo, datadas dos inícios do I milénio a.C. (García Sanjuán, 2005).

No espaço centro-alentejano foi já reconhecida a frequência de espaços megalíticos em momentos antigos da Idade do Ferro regional na Anta 2 do Olival da Pega (Reguengos de Monsaraz) (Gonçalves, 2003) e na Anta da Rabuje 5 (Monforte) (Boaventura, comunicação pessoal). Para momentos aparentemente mais recentes, é conhecido o caso da Anta do Peral 3, em Monforte, onde Abel Viana registou a presença de urnas cinerárias depositadas no *tumulus* (Viana e Deus, 1957); este mesmo investigador deu a conhecer o célebre caso da Anta do Cerro das Antas (Ourique), já no Baixo Alentejo, onde foram registadas urnas cinerárias depostas no interior da câmara da anta (Viana, Ferreira e Andrade, 1957).

Ainda no espaço centro alentejano será de mencionar a provável reutilização de uma placa de xisto da Anta Grande do Zambujeiro como suporte epigráfico durante a Idade do Ferro (Gonçalves, Pereira e Andrade, 2003), revelando a utilização deste espaço, a que poderiam associar-se alguns raros fragmentos cerâmicos daí provenientes, depositados no Museu de Évora.

Por fim, será de mencionar o caso da necrópole da Tera, de grande particularidade, pelo significado transcendente dentro da linha de problemática desenvolvida neste trabalho.

O monumento da Tera (Pavia, Mora) corresponde a um recinto megalítico, composto por diversos menires, que teriam estado dispostos aparentemente em torno de um grande *tumulus* ou empedrado, sob o qual se efectuaram as deposições funerárias em urna e aparentemente em fossa. Pela informação que se encontra desde já disponível, este monumento deverá ter estado em uso entre os séculos VI e V a.C. (Rocha, Duarte e Pinheiro, 2005) (Fig. 9).

Ainda que seja um monumento aparentemente erguido em meados do I milénio a.C., parece afastar-se de todas as poucas necrópoles conhecidas até ao momento no sudoeste peninsular, enveredando pela edificação de uma estrutura de clara raiz megalítica. O gesto de emulação de ances-





Fig. 9 Necrópole tumular da Tera, com os menires tombados em primeiro plano, à direita.

trais construções, associadas agora a um recinto funerário, assinalaria o conhecimento dos antigos monumentos, erguidos a escassos quilómetros de distância, caso dos cromeleques de Vale d'El Rei ou Figueiras (Calado, 2004). Por outro lado, a sua implantação adjacente a diversas antas e a uma grande mamoa, ainda hoje particularmente bem preservada, situadas num raio aproximado de 100 m, permite subentender uma clara vontade de associação a um contexto de forte cariz identitário, que poderia ser facilmente lido como um acto legitimador da posse e exploração da terra, como elemento de coesão do grupo, num momento de grande pressão demográfica.

Este caso acaba por constituir-se como a súpula do processo pós-megalítico, verificando a necessidade não só de reutilizar os monumentos precedentes (o que parece também ter efectivamente aqui acontecido), mas igualmente de construir um monumento que evidenciasse as mesmas raízes ancestrais, adjacente a antigos espaços sepulcrais, compondo um conjunto cénico e identitário de raro cariz transgeracional, onde o sentido funerário parece ter sido recuperado como elemento de coesão grupal, ao depositarem-se as urnas cinerárias sob um mesmo *tumulus*, tal como acontecia em época pré-histórica.

Também não é com a implementação de toda uma nova realidade política, social e, em certo ponto, humana efectuada sob a égide do poder de Roma, que se deixará de frequentar estes espaços megalíticos, continuando-se, inclusivamente, a utilizá-los como espaços funerários, ainda que de modo relativamente pontual, como parece ter acontecido na Anta 10 do Barrocal (Leisner e Leisner, 1951) ou nas Antas do Carvão, 4 do Genemigo ou 2 da Sobreira, na região de Elvas (Viana e Deus, 1955), ou o caso documentado mais recentemente na anta do Chão da Pereira em Portel (Antunes et. al., 2003).



### 3. Lugares de memória e identidade

As construções megalíticas marcaram desde sempre a paisagem alentejana, sendo uma falácia julgar que estas foram alguma vez esquecidas pelas sociedades posteriores, todas elas com forte pendor camponês, que utilizaram, viveram e conceptualizaram a realidade geográfica alentejana, transformando-a numa paisagem desde sempre muito humana, pela particular incidência do homem na sua modelação.

Não tenhamos, contudo, uma noção meramente atávica do modo como foram sendo integradas as realidades megalíticas nos discursos sociais e na construção da memória, sendo com alguma certeza, apesar dos escassos dados disponíveis, elementos dinâmicos nas novas construções sociais e identitárias, integrando e absorvendo novas cosmogonias, consoante a realidade sociológica emergente. Todavia, desde cedo parecem ser marcos da espessura do tempo, assinalando os ancestrais, verdadeiros *axis mundi* que acompanhavam transversalmente a *temporalidade* da paisagem (Ingold, 1993), ajudando a construir novas geodesias individuais e de grupo. Raras vezes devem ter sido elementos inócuos, perdidos nas paisagens, assumindo-se múltiplas vezes como palcos cerimoniais de ritos e cultos diversos, bem distantes, por vezes, das realidades inaugurais, como nos deixam entender as várias antas-capela dispersas pelo país (Oliveira, Sarantopoulos e Balesteros, 1997).

O modo como as antas permaneceram, ou foram sendo integradas, nos imaginários populares é múltiplo e diverso (Oliveira, 2001), desde a divisão de propriedades à toponímia (são muitos os montes da Anta ou os Valdanta), estando disponíveis documentos que as referem desde o séc. XIII (Oliveira, 2001, p. 41), multiplicando-se os casos pelos séculos seguintes.

Neste início de um novo milénio, é com uma enorme arrogância que perspectivamos a redescoberta do megalitismo como elemento da paisagem alentejana, ao ponto de lhe associarmos, num acto de pura hipocrisia, o nome de um vinho (*Anta da Serra*, Adega Cooperativa de Redondo), especialmente quando a expansão desta cultura se torna uma das principais ameaças à sua permanência nos horizontes alentejanos.

Redondo, Alentejo Central, Março de 2006  
Pontualmente revisto em Janeiro de 2007

---

#### NOTAS

\* Investigador do Centro de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (UNIARQ).  
Câmara Municipal de Redondo. rmatamoto@gmail.com.

<sup>1</sup> Este trabalho é a natural continuação de um outro publicado igualmente na RPA (Mataloto, 2005), e que se justifica pelo alargamento do espectro de análise para além da Idade do Bronze.

<sup>2</sup> Neste ponto assume particular relevância o trabalho de Catarina Oliveira, *Lugar e Memória* (2001), pelo que se evitará a reprodução

de citações. Por outro lado, a base conceptual encontramos-la em Ingold (1993) e Valera (2000).

<sup>3</sup> Entramado este que se adensará com o continuar dos trabalhos em sítios da Idade do Bronze, atendendo aos resultados do sítio da Mesquita (Évora), onde foram detectadas várias tumulações em fossa (informações proporcionadas pelos escavadores; espólio em estudo por equipa liderada pelo Eng. Monge Soares).

## BIBLIOGRAFIA

- ANTUNES, A.; MARTINS, A.; VILHENA, J.; VÍRSEDA SANZ, L.; CORREIA, S. (2003) - Intervenções de salvamento na área a afectar pelo regolfo de Alqueva: antes da bacia do Degebe. In GONÇALVES, V.S., ed. - *Muita gente poucas antas? Origens, espaços e contextos do Megalitismo. Actas do II Colóquio Internacional sobre Megalitismo*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia, p. 227-250.
- BRADLEY, R. (1998) - *The significance of the monuments*. London: Routledge.
- BUBNER, T. (1979) - Ocupação campaniforme do Outeiro de São Bernardo. *Ethnos*. Lisboa, 8, p. 139-151.
- BUENO, P. (2000) - El espacio de la muerte en los grupos neolíticos y calcolíticos de la Extremadura española: las arquitecturas megalíticas. *Extremadura Arqueológica. El Megalitismo en Extremadura (Homenaje a Elias Diéguez Luengo)*. Mérida, 8, p. 35-80.
- CALADO, M. (2002) - Povoamento pré e proto-histórico da margem direita do Guadiana. *Al-madan*. Almada. II série. 11, p. 122-127.
- CALADO, M. (2004) - *Os menires do Alentejo Central*. Dissertação de Doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (edição policopiada).
- CALADO, M.; MATALOTO, R. (2001) - *Carta arqueológica de Redondo*. Redondo: Câmara Municipal.
- CALADO, M.; MATALOTO, R.; ROCHA, A. (em preparação) - *O povoamento pré-histórico da margem direita do Regolfo de Alqueva*.
- CARDOSO, J. L. (2004) - Uma tumulação do final do Bronze Final/inícios da Idade do Ferro no Sul de Portugal: a *tholos* do Cerro do Malhanito (Alcoutim). In LOPES, M. C.; VILAÇA, R., eds. - *O passado em cena: narrativas e fragmentos*. Coimbra; Porto: Centro de Estudos Arqueológicos da Universidades de Coimbra e Porto, p. 193-223.
- CARDOSO, J. L.; CANINAS, J. C.; HENRIQUES, F. (2003) - Investigações recentes do megalitismo funerário na região do Tejo Internacional (Idanha-a-Nova). *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série IV. 21, p. 151-207.
- CORREIA, S. (2002) - Intervenções de salvamento na área a afectar pelo regolfo de Alqueva - Blocos 4 e 7. *Al-madan*. Almada. II Série. 11, p. 109-116.
- CERRILLO, E. (2005) - *Cambios y permanencias en el entorno de Castillejos (Fuente de Cantos, Badajoz): de finales del Neolítico a comienzos de la Edad del Bronce*. Comunicação apresentada ao 3.º Colóquio Internacional - Transformação & Mudança. Cascais, 6 a 9 de Outubro de 2005.
- GARCÍA SANJUÁN, L. (1993) - Registro funerario y relaciones sociales en el Bronce del SO: indicadores estadísticos preliminares. In *Encuentro de Arqueología del Suroeste*. Huelva: Universidad, p. 157-182.
- GARCÍA SANJUÁN, L. (1998) - *La Travesía. Ritual funerario y jerarquización social de una comunidad del Bronce de Sierra Morena occidental*. Sevilla: Universidad.
- GARCÍA SANJUÁN, L. (2005a) - Grandes piedras viejas, memoria y pasado. Reutilizaciones del Dolmen de \*Palacio III (Almadén de la Plata, Sevilla) durante la Edad del Hierro. In CELESTINO PÉREZ, C.; JIMÉNEZ ÁVILA, J., eds. - *El Periodo Orientalizante. Actas del III Simposio Internacional de Arqueología de Mérida. Protohistoria del Mediterráneo Occidental (Mérida, 5-8 de mayo de 2003)*. Mérida: CSIC, p. 595-604.
- GARCÍA SANJUÁN, L. (2005b) - Las piedras de la memoria. La permanencia del megalitismo en el Suroeste de la Península Ibérica durante el II y I milenios a.n.e. *Trabajos de Prehistoria*. Madrid. 62:1, p. 85-100.
- GARRIDO PENA, R. (1999) - *El campaniforme en la Meseta: análisis del contexto social, económico y ritual*. Tese de Doutoramento apresentada à Universidad Complutense de Madrid.
- GOMES, M. V. (1994) - A necrópole de Alfarrobeira (S. Bartolomeu de Messines) e a Idade do Bronze no concelho de Silves. Silves: Câmara Municipal (*Xelb*. Silves. 2).
- GOMES, M. V. (1997) - Cromeleque da Portela de Mogos: um monumento sócio-religioso megalítico. In SARANTOPOULOS, P., ed. - *Paisagens arqueológicas a oeste de Évora*. Évora: Câmara Municipal, p. 35-40.
- GONÇALVES, V. S. (1988-1989) - A ocupação pré-histórica do Monte Novo dos Albardeiros (Reguengos de Monsaraz). *Portugalia*. Porto. Nova série. 9-10, p. 49-61.
- GONÇALVES, V. S. (1989) - *Megalitismo e metalurgia no Alto Algarve Oriental: uma perspectiva integrada*. Lisboa: INIC/UNIARQ.
- GONÇALVES, V. S. (1992) - *Reverendo as antas de Reguengos de Monsaraz*. Lisboa: UNIARQ/INIC.
- GONÇALVES, V. S. (1999) - *Reguengos de Monsaraz, territórios megalíticos*. Lisboa: MNA.
- GONÇALVES, V. S. (2003a) - *Sítios, «horizontes» e artefactos. Leituras críticas de realidades perdidas*. 2.ª ed. Cascais: Câmara Municipal.
- GONÇALVES, V. S. (2003b) - *STAM-3, a Anta 3 da Herdade de Santa Margarida (Reguengos de Monsaraz)*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia.
- GONÇALVES, V. S. (2003c) - A Anta 2 da Herdade dos Cebolinhos (Reguengos de Monsaraz, Évora). As intervenções de 1996 e 1997 e duas datas de radiocarbono para a última utilização da Câmara ortostática. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 6:2, p. 143-166.
- GONÇALVES, V. S. (2003d) - Pastores, agricultores e metalurgistas em Reguengos de Monsaraz: os 4.º e 3.º milénios. *Ophiussa*. Lisboa. 1.
- GONÇALVES, V. S.; CALADO, M. (1990-1991) - A necrópole da Idade do Bronze do Monte dos Cebolinhos (S. Pedro do Corval, Reguengos de Monsaraz) Notícia da sua identificação. *Portugalia*. Porto. Nova série. 11-12, p. 144-147.
- GONÇALVES, V.; PEREIRA, A.; ANDRADE, M. (com a colaboração de Amílcar Guerra) (2003) - A propósito do reaproveitamento de algumas placas de xisto gravadas da região de Évora. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série IV. 21, p. 209-244.

- INGOLD, T. (1993) - Temporality or Landscape. *World Archaeology*. London. 25, p. 152 a 174
- LEISNER, G. (1948) - Antas dos arredores de Évora. *A Cidade de Évora*. Évora. 6:15-16, p. 3-40.
- LEISNER, G. (1949) - Antas dos arredores de Évora. *A Cidade de Évora*. Évora. 6:17-18, p. 499-528.
- LEISNER, G.; LEISNER, V. (1951) - *Antas do concelho de Reguengos de Monsaraz*. Lisboa: UNIARCH (reed. 1985).
- LEISNER, G.; LEISNER, V. (1955) - *Antas nas Herdades da Casa de Bragança no Concelho de Estremoz*. Lisboa: Fundação da Casa de Bragança; Instituto para a Alta Cultura.
- LEISNER, G.; LEISNER, V. (1956) - *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel: der Westen (1)*. Berlin: Walter de Gruyter.
- LEISNER, G.; LEISNER, V. (1959) - *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel: der Westen (2)*. Berlin: Walter de Gruyter.
- LORRIO, A. J.; MONTERO RUIZ, I. (2004) - Reutilización de sepulcros colectivos en el Sureste de la Península Ibérica: la colección Siret. *Trabajos de Prehistoria*. Madrid. 61:1, p. 99-116.
- KAISER, J. (2003) - Puntas de flecha de la Edad de Bronce en la Península Ibérica. Producción, circulación y cronología. *Complutum*. Madrid. 14, p. 73-106.
- KALB, P. (1994) - Reflexões sobre a utilização de necrópoles megalíticas na Idade do Bronze. In *Actas do Seminário "O Megalitismo no Centro de Portugal"*. Viseu: Centro de Estudos Pré-Históricos da Beira-Alta, p. 415-426.
- MATALOTO, R. (1999) - As ocupações proto-históricas do Castelo do Giraldo (Évora). *Revista de Guimarães. Volume Especial - Actas do Congresso de Proto-história Europeia no centenário da Morte de Martins Sarmiento*. Vol. I, p. 333-362.
- MATALOTO, R. (2004) - *Um "monte" da Idade do Ferro na Herdade da Sapatoa: ruralidade e povoamento no I milénio a.C. do Alentejo Central*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia.
- MATALOTO, R. (2005) - A propósito de um achado na Herdade das Casas (Redondo): Megalitismo e Idade do Bronze no Alto Alentejo. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 8:2, p. 115-128.
- MATALOTO, R. (2006) - Entre *Ferradeira* e *Montelavar*: um conjunto artefactual da Fundação Paes Teles (Ervedal, Avis). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 9:2, p. 83-108.
- MATALOTO, R.; ROCHA, L. (no prelo) - O monumento ortostático do Caladinho: estudo preliminar de um sepulcro megalítico no Redondo (Alentejo Central). In *Actas do III Encontro de Arqueologia do Sudoeste peninsular*, Aljustrel.
- MORÁN, E.; PARREIRA, R., eds. (2004) - *Alcalar 7: Estudo e reabilitação de um monumento megalítico*. Lisboa: IPPAR.
- OLIVEIRA, C. (2001) - *Lugar e Memória. Testemunhos megalíticos e leituras do Passado*. Lisboa: Edições Colibri.
- OLIVEIRA, J. (1995) - *O Megalitismo da bacia hidrográfica do rio Sever*. Évora. Dissertação de Doutoramento apresentada à Universidade de Évora (Policopiado).
- OLIVEIRA, J. (1998) - A Anta da Joanhinha e a da Era de Guardias (Cedillo-Cáceres) no ambiente megalítico da foz do rio Sever. *Ibn Maruán*. Marvão. 8, p. 203-245.
- OLIVEIRA, J. (1999-2000) A Anta II de São Gens (Nisa). *Ibn Maruán*. Marvão. 9-10, p. 181-238.
- OLIVEIRA, J.; SARANTOPOULOS, P.; BALESTEROS, C. (1997) - *Antas-capelas e capelas junto a antas no território português*. Lisboa: Colibri.
- PÁVON SOLDEVILA, I. (1998) - *El tránsito del II milenio al I milenio a.C. en las cuencas medias de los Ríos Tajo y Guadiana: la Edad del Bronce*. Cáceres: Universidad de Extremadura.
- PARREIRA, R. (1998) - As arquitecturas como factor de construção da paisagem na Idade do Bronze do Alentejo Interior. In JORGE, S., ed. - *Existe uma Idade do Bronze Atlântico?* Lisboa: Instituto Português de Arqueologia, p. 267-273.
- ROCHA, L. (2005) - *Origens do megalitismo funerário... a contribuição de Manuel Heleno*. Dissertação de Doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- ROCHA, L.; DUARTE, C.; PINHEIRO, V. (2005) - A necrópole da I Idade do Ferro do Monte da Têra, Pavia (Portugal): dados das últimas intervenções. In CELESTINO PÉREZ, C.; JIMÉNEZ ÁVILA, J., eds. - *El Periodo Orientalizante. Actas del III Simposio Internacional de Arqueología de Mérida. Protohistoria del Mediterráneo Occidental (Mérida, 5-8 de mayo de 2003)*. Mérida: CSIC, p. 605-614.
- SILVA, C. T. da; SOARES, J. (1981) - *Pré-História da Área de Sines*. Lisboa: Gabinete da Área de Sines.
- SCHUBART, H. (1971a) - Tumbas megalíticas com enterramientos secundarios de la Edad del Bronce de Colada del Monte Nuevo. *XII Congreso Nacional de Arqueología*. Zaragoza, p. 175-189.
- SCHUBART, H. (1971b) - O Horizonte de Ferradeira. Sepulturas do Eneolítico Final no Sudoeste da Península Ibérica. *Revista de Guimarães*. Guimarães. 81, p. 189-215.
- SCHUBART, H. (1973) - Tholos-Bauten von Colada de Monte Nuevo bei Olivenza. *Madridrer Mitteilungen*. Heidelberg. 14, p. 11-42.
- SCHUBART, H. (1975) - *Die Kultur der Bronzezeit im Südwesten der Iberischen Halbinsel*. Berlin: Walter de Gruyter.
- SILVA, A. C.; BERROCAL RANGEL, L. (2005) - O Castro dos Ratinhos (Moura). Povoado do Bronze Final do Guadiana: 1.ª campanha de escavações 2004. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 8:2, p. 139-173.

- SOARES, A. M. M. (no prelo) - O monumento megalítico MV1 (Vila Verde de Ficalho, Serpa). A publicar na revista *Trabalhos de Arqueologia da EAM*.
- SOARES, J. (2003) - *Os hipogeus pré-históricos da Quinta do Anjo. As economias do simbólico*. Setúbal: Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal.
- SOARES, J.; SILVA, C. T. da (1998) - From the collapse of the chalcolithic mode of production to the development of the Bronze Age societies in the south-west of Iberian peninsula. In JORGE, S., ed. - *Existe uma Idade do Bronze Atlântico?* Lisboa: Instituto Português de Arqueologia, p. 231-245.
- TORRES ORTIZ, M. (1999) - *Sociedad y mundo funerario en Tartessos*. Madrid: Real Academia de la Historia.
- VALERA, A. (2000a) - Em torno de alguns fundamentos e potencialidades da Arqueologia da Paisagem. *Era Arqueologia*. Lisboa. 1, p. 112-121.
- VALERA, A. (2000b) - Moinho de Valadares I e a transição Neolítico Final/Calcolítico na margem esquerda do Guadiana: uma análise preliminar. *Era Arqueologia*. Lisboa. 1, p. 21-37.
- VALERA, A. C.; FILIPE, I. (2004) - O povoado do Porto Torrão (Ferreira do Alentejo). *Era Arqueologia*. Lisboa. 6, p. 28-63.
- VIANA, A.; DEUS, A. D. (1955) - Notas para o estudo dos dólmenes da região de Elvas. Separata de *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. Porto. 5:3-4.
- VIANA, A.; DEUS, A. (1957) - Mais alguns dolmens da região de Elvas (Portugal). In *IV Congreso Nacional de Arqueología*. Zaragoza: Secretaría General de los Congresos Arqueológicos Nacionales, p. 89-100.
- VIANA, A. (1959) - Notas históricas, arqueológicas e etnográficas do Baixo Alentejo. II - Monumento dolmênico do Barranco da Nora Velha. *Arquivo de Beja*. Beja. 16, p. 24-28.
- VIANA, A.; FERREIRA, O. da V.; ANDRADE, R. F. (1957) - Monumentos megalíticos dos arredores de Ourique. *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*. Lisboa. 38, p. 409-419.
- VILAÇA, R.; CUNHA, E. (2005) A Roça do Casal do Meio (Calhariz, Sesimbra). Novos contributos. *Al-madan*. Almada. II Série. 13, p. 48-57.